



## Onomástica Parkatêjê: aspectos semânticos dos nomes próprios de pessoas

### *Parkatêjê Onomastics: Semantic aspects of human proper names*

Tereza Tayná Coutinho Lopes

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil

terezataynacl@gmail.com

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil

mariliaferreira1@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar aspectos semânticos observados em antropônimos da língua Parkatêjê. Atualmente o povo Parkatêjê vive em aldeias na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), às proximidades do município de Marabá. A língua Parkatêjê, denominada do mesmo modo que sua comunidade, filia-se ao Complexo Dialetal Timbira, tronco linguístico Macro-Jê. O estudo dos nomes próprios de diferentes tipologias é o interesse central da disciplina denominada Onomástica, sendo a Antroponímia, isto é, o estudo dos nomes próprios de pessoa, a área da Onomástica em foco neste estudo. De modo geral, no que diz respeito ao conteúdo significativo dos nomes de pessoa em Parkatêjê, é possível verificar que estes se referem a características pessoais do nominador. Da perspectiva semântica, os antropônimos em questão podem ser considerados denotativos ou figurativos, conforme Araújo e Ferreira (2001). Partindo dessa perspectiva e da análise dos dados coletados em campo, foi possível verificar fenômenos semânticos específicos, presentes na constituição dos antropônimos em Parkatêjê. Tais fenômenos, segundo pressupostos da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva, dizem muito a respeito dos conhecimentos culturais, valores, pensamentos, entre outros aspectos que se refletem na língua de um povo. A metodologia utilizada para a feitura deste trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica de materiais a respeito de línguas indígenas, onomástica e semântica, além de pesquisa etnográfica com coleta de dados na comunidade da língua em estudo.

**Palavras-chave:** onomástica; semântica; Parkatêjê.

**Abstract:** This article aims to present semantic aspects found in Parkatêjê anthroponyms. Currently the Parkatêjê people live in villages in the Mãe Maria Indigenous Reserve (RIMM), near Marabá in the state of Pará. The Parkatêjê language belongs to the Timbira Dialectal Complex, from the Macro-Jê linguistic stock. The study of proper names from different typologies is the central interest of the discipline called Onomastics and Anthroponymy is the study of human proper names, which will be our focus in this paper. In general, the significant content of proper names in Parkatêjê refers to some personal characteristic of the nominator. From a semantic perspective, these anthroponyms can be considered denotative or figurative, according to Araújo and Ferreira (2001). Based on this perspective and the analysis of data collected through fieldwork, it was possible to verify specific semantic phenomena in Parkatêjê anthroponyms. Such phenomena, according to the presuppositions of Cultural Semantics and Cognitive Semantics, say a lot about cultural knowledge, values, thoughts, among other aspects that are reflected in that language. The methodology followed in this paper encompasses bibliographical research on indigenous languages and readings on Onomastics and Semantics, as well as ethnographic research along with data collection in the community of the Parkatêjê.

**Keywords:** Onomastics; Semantics; Parkatêjê.

Recebido em 04 de novembro de 2017

Aceito em 28 de dezembro de 2017

## 1 Introdução

O ramo de estudo denominado Onomástica se constitui como uma área interdisciplinar que envolve diferentes campos do conhecimento humano para analisar seu objeto de estudo: os nomes próprios.

As duas principais áreas de interesse da Onomástica, conforme Seabra (2006), entre outros autores, são: a Antroponímia e a Toponímia. Segundo a autora, a primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e os apelidos, enquanto a segunda interessa-se pelo estudo das motivações dos nomes próprios de lugares.

O presente trabalho tem como foco a Antroponímia, uma vez que nosso objeto de pesquisa são os nomes próprios pessoais da língua Parkatêjê, falada pelo povo indígena denominado do mesmo modo. Os antropônimos em Parkatêjê são aqui analisados da perspectiva semântica, disciplina essa que recebe especial atenção dos estudos onomásticos e pode ser definida conforme Ullmann (1964, p. 7) como o “estudo do significado das palavras”.

A transmissão e criação de nomes em Parkatêjê, bem como seus usos semânticos serão abordadas neste artigo também como forma de apoiar a manutenção da cultura imaterial do referido povo.

As discussões apresentadas nas próximas páginas são um recorte de uma pesquisa mais ampla acerca da antroponímia Parkatêjê. Os principais referenciais teóricos utilizados para tratar do campo de estudo da onomástica foram: Dick (2000, 2001), Ullmann (1964), Seabra (2006), Carvalhinhos (2007), Eckert (2016), entre outros. Em relação às questões semânticas, em foco neste trabalho, foram utilizados pressupostos da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva para empreender as análises realizadas.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: a primeira seção compreende esta introdução; a segunda descreve a metodologia empregada na pesquisa; a terceira apresenta considerações gerais sobre o povo e a língua Parkatêjê, bem como descreve brevemente o funcionamento do sistema de nomenclatura Parkatêjê; a quarta seção esboça algumas questões acerca do estudo onomástico dos antropônimos; a quinta seção aborda da perspectiva semântica os nomes próprios pessoais em Parkatêjê e apresenta discussões pertinentes aos fenômenos semânticos observados nos dados analisados; por fim, são feitas as considerações finais.

## **2 Metodologia**

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo seguiu conforme a habitual em linguística descritiva, que trabalha com generalizações no nível dos fatos, e pesquisa etnográfica, conforme as seguintes etapas: (i) levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto; (ii) leitura e análise crítica das referências bibliográficas levantadas; (iii) trabalho de campo para coleta: os dados foram coletados por meio de entrevistas e arquivados em áudio e vídeo. Todos os dados foram gravados na Comunidade Indígena Parkatêjê por meio de perguntas

feitas diretamente aos colaboradores indígenas. A maior parte dos dados apresentados neste trabalho foi coletada em entrevistas com o então chefe da Comunidade, *Krôhôkrenhum*, falante bilíngue de Parkatêjê e português, e um dos maiores conhecedores dos saberes linguísticos e culturais do seu povo. Além do referido chefe, houve ainda outros falantes nativos que contribuíram como colaboradores do presente estudo, entre eles: *Pojarêtetí*, primeira esposa do chefe *Krôhôkrenhum*; *Nākôti*, curador da comunidade; *Japênprãmti*, sobrinho de *Krôhôkrenhum*; *Jôhapy*, segunda esposa de *Krôhôkrenhum*, entre outros; (iv) transcrição e organização dos dados: o material coletado em campo foi transcrito ortograficamente, tanto em português, quanto na ortografia Parkatêjê.<sup>1</sup> (v) glosa e segmentação morfológica dos dados: os dados foram devidamente segmentados de forma a facilitar as análises empreendidas, no entanto, não foi possível realizar a segmentação completa do total de dados obtidos, de forma que há dados que apresentam apenas a tradução dada pelo falante. Nem sempre as informações necessárias para a segmentação foram conseguidas com os falantes, uma vez que ainda há morfemas cujo significado exige maior atenção na descrição da língua; (vi) análise semântica do *corpus* de pesquisa e discussão dos resultados obtidos.

### 3 Povo Parkatêjê: algumas considerações

A língua Parkatêjê é falada pelo povo Parkatêjê, que vive atualmente em aldeias localizadas ao longo da Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), às proximidades do município de Marabá. Conforme dados do posto de saúde da comunidade, a aldeia Parkatêjê é composta por cerca de 627 pessoas (JÔPAIPARE, 2011).

De acordo com Rodrigues (1986), a língua Parkatêjê pertence ao Complexo Dialectal Timbira, família Jê, tronco linguístico Macro-jê. Também fazem parte do referido complexo dialectal, línguas como o Canela-Krahô, Canela-Apaniêkra, Gavião-Pykobjê, Krinkati, Krênjê, entre outras línguas que apresentam aspectos bastante semelhantes entre si. Estes grupos partilham características culturais como o corte de cabelo longo com um sulco em torno da cabeça à altura da franja; a produção de artefatos feitos com palha trançada (cestos, esteiras, faixas); a aldeia

---

<sup>1</sup> Os dados da língua Parkatêjê do presente artigo estão escritos em conformidade com a ortografia Parkatêjê proposta pela linguista Leopoldina Araújo, em meados de 1977.

em forma de um grande círculo no qual as casas são dispostas lado a lado, com caminhos em direção ao pátio central; ritos como a corrida de tora; a ornamentação corporal. Todavia tais grupos também apresentam distinções, dentre as quais podemos citar o conteúdo semântico dos nomes próprios, embora a forma como os nomes são transmitidos seja basicamente a mesma.

O povo Parkatêjê, tal como é comum aos povos de línguas Timbira, exhibe um elaborado sistema de nomenclatura que envolve saberes tradicionais de séculos. O referido sistema do povo Parkatêjê encontra-se diretamente ligado às relações de parentesco. Ao receber um nome, o nominado recebe também, potencialmente, todos os relacionamentos de seu nominador, ou seja, o que inclui receber seus parentes consanguíneos ou por afinidade, posições rituais (metades rituais<sup>2</sup> e suas representações artísticas como pintura corporal), bem como suas relações cerimoniais de amizade formal e potenciais cônjuges, os quais, conseqüentemente, serão chamados pelo nominado pelos mesmos termos utilizados por seu nominador (COELHO DE SOUZA, 2002).

Segundo Arnaud (1964), a transmissão de nomes pessoais em Parkatêjê,

verifica-se do irmão da mãe (tio) para filho da irmã (sobrinho) = (keti – itua) e da irmã do pai (tia) para filha do irmão (sobrinha) = (katuí – itua), preferencialmente, e também do pai do pai e da mãe, e mãe da mãe e do pai, aos quais são aplicados os mesmos designativos (keti, katuí) (ARNAUD, 1964, p. 4).

Essa descrição de Arnaud (1964) concorda com o padrão descrito por Coelho de Souza (2002) para os povos Timbira, e também foi confirmada durante trabalho de campo realizado na Comunidade Indígena Parkatêjê, conforme relatado em Lopes (2014).

No ato da nomenclatura, o nominador escolhe uma característica, positiva ou negativa, de seu próprio comportamento com a qual chamará seu nominado. Nas palavras de *Krôhókrenhum*, maior líder tradicional

<sup>2</sup> A divisão de membros tribais em metades rituais é uma característica de organizações dualistas tais como as apresentadas pelos povos falantes de línguas Jê. Em Parkatêjê, por exemplo, como parte da herança que a nomenclatura fornece, o indivíduo, ao receber um nome Parkatêjê, é automaticamente credenciado à mesma metade ritual de seu nominador, que pode ser *hàk* “gavião” ou *pàn* “arrara”.

Parkatêjê, em trabalho de Araújo e Ferreira (2001): “Toda invenção que uma pessoa inventa a gente já sabe que vai botar nome no afilhado”.

Dessa forma, como explica Carneiro da Cunha (1986), o nome recebido por uma criança não tem nenhuma relação com atributos pessoais dessa criança, e não pretende designá-la enquanto indivíduo. Segundo a autora, o nome dado a uma criança “é, antes, um título, um operador que a insere e classifica na vida cerimonial, na verdade ‘um personagem’ [...]” (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 23).

Além disso, o fato de o nominador dar suas características particulares para o nome de seus nominados pode ser interpretado como uma maneira de o primeiro se “eternizar” na comunidade, uma vez que terá suas características lembradas nas gerações futuras por meio dos nomes próprios transmitidos aos seus iguais.

A partir das considerações aqui apresentadas sobre o povo Parkatêjê e seu sistema de nomação, apresentaremos, na seção seguinte, questões de caráter teórico a respeito da disciplina Onomástica e do estudo dos chamados antropônimos.

#### 4 O estudo onomástico dos antropônimos

Ao se falar em Onomástica é pertinente situar tal área dentro dos estudos da linguagem, ou, mais especificamente, dentro das ciências do léxico. O léxico é tradicionalmente definido nos estudos linguísticos como o conjunto de palavras de uma língua. É a partir dele que se pode nomear e exprimir o universo de determinada sociedade por meio de um patrimônio lexical que reflete as percepções, experiências, sentimentos e ideias de um povo.

Biderman (2001) define o léxico como a parte da língua que representa a realidade extralinguística, além de conservar o saber linguístico da humanidade. De acordo com a autora, “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (BIDERMAN, 2001, p.14).

A ciência linguística responsável pelo estudo do léxico chama-se Lexicologia.<sup>3</sup> Biderman (2001) apresenta como objetos essenciais

---

<sup>3</sup> “Do grego *lexis* <<palavra>>, *lexicos* <<de ou para as palavras>>” (ULLMANN, 1964, p. 62).

do estudo e análise da Lexicologia a palavra, a categoria lexical e a estruturação do léxico.

Nesse sentido, Ullmann (1964) afirma que a Lexicologia trata, por definição, das palavras e dos morfemas que as formam, ou seja, de suas unidades significativas. Logo, a investigação lexicológica leva em conta a forma e o significado. O autor explica ainda que a Lexicologia tem, por conseguinte, duas subdivisões: “a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudo dos seus significados” (ULLMANN, 1964, p. 64).

Já Dubois *et al.* (1973) concebem a Lexicologia como o estudo científico do vocabulário. Diante disso, é possível entender a Onomástica como uma parte integrada à Lexicologia que tem por objeto de estudo os nomes próprios de diferentes tipologias.

Eckert (2016) explica que a origem do termo Onomástica está relacionada com as formas gregas *onoma* (nome) e *tékne* (arte) que resultaram o termo *onomastiké*, cujo significado é ‘a arte de nomear’. A forma grega foi incorporada ao latim como *onomasticon* que, posteriormente entrou para o vocabulário português como *Onomástica*.

A Onomástica se constitui como uma disciplina que está em constante diálogo com outras áreas da linguística e do conhecimento humano. Dentre tais áreas podemos citar a Linguística Histórica, a Linguística Antropológica, a Semântica, a Lógica e a Filosofia da Linguagem. Acerca da interdisciplinaridade necessária à Onomástica, Zamariano (2012) afirma o seguinte:

Um trabalho que se dedique ao nome próprio suscita uma investigação que não se encerra em uma disciplina específica, visto que atravessa por campos teóricos distintos e as fronteiras que, aparentemente, isolam os campos, se dissolvem diante das primeiras reflexões sobre esse tema (ZAMARIANO, 2012, p. 359).

A vertente dos estudos onomásticos em foco neste trabalho é a Antroponímia que, de acordo com Dick (2000), é um subsistema da Onomástica, cujo interesse abrange os nomes individuais, que distinguem os membros de uma comunidade, e o parentesco, que relaciona o indivíduo a um grupo familiar.

O termo ‘antropônimo’ tem origem grega e designa, de acordo com Câmara Jr. (1985), substantivos próprios com caráter individualizante que, aplicados às pessoas, têm como finalidade distingui-las umas das outras dentro da sociedade.

Nessa perspectiva, conforme Linhares (2003), o nome individual serve tanto para identificação societária quanto institucional. Ele distingue um sujeito dos outros e o reconhece como um cidadão na sociedade como um todo, ou simplesmente dentro do grupo familiar.

O estudo dos antropônimos, entre outras coisas, ajuda a revelar importantes aspectos tanto do ponto de vista linguístico como do ponto de vista psicológico e/ou social. Eckert (2016) afirma que essas são as duas principais perspectivas adotadas pelos estudiosos da Antroponímia.

Sobre a função significativa dos nomes próprios em português, Carvalhinhos (2007) relata que, em tempos remotos, o nome próprio tinha sua função semântica assegurada, isto é, o indivíduo designado por seu nome recebia também toda sua carga significativa. A autora explica que, pela natureza dinâmica da língua, a grande maioria dos nomes foram esvaziados de seus reais sentidos etimológicos restando apenas um invólucro, isto é, uma forma opaca que oculta o verdadeiro significado do nome.

As sociedades ocidentais apresentam, atualmente, o referido fenômeno do esvaziamento semântico, principalmente no que diz respeito aos nomes próprios de pessoas. No entanto, nestas mesmas sociedades houve um tempo em que os nomes não eram atribuídos simplesmente por tradição ou gosto pessoal, mas efetivamente por um motivo.

Guérios (1973) definiu algumas causas que provavelmente originaram diversos nomes bastante conhecidos hoje. São elas: influências históricas, políticas e religiosas; circunstâncias, lugar e tempo de nascimento; particularidades físicas ou qualidades morais; nomes relativos a profissões; nomes curiosos ou excêntricos.

Existem ainda, genericamente, motivações linguísticas. Carvalhinhos (2007) destaca a fonética, a semântica e a morfologia. Nas palavras da pesquisadora:

O primeiro tipo refere-se às onomatopéias, o segundo refere-se à diversidade de sentidos, onde a decodificação depende do contexto: *raiz*, morfologicamente, é opaca; enquanto a *raiz do mal* é transparente, pois se trata de uma metáfora auto-explicativa. O terceiro e último tipo de motivação recobre palavras como automóvel, nas quais os formantes *auto* e *móvel* já significam, por si (CARVALHINHOS, 2007, p. 14, grifos da autora).

Ullmann (1964) acrescenta que há casos de palavras motivadas, tanto morfológica quanto semanticamente. Além disso, esses dois tipos de motivação têm em comum o fato de ambos serem “relativos”, uma vez que permitem analisar as palavras em seus elementos, mas não podem explicar esses mesmos elementos.

Dentre as motivações linguísticas supracitadas, a motivação semântica é especialmente interessante para a Onomástica. É ela que está ligada ao fenômeno de esvaziamento semântico dos antropônimos discutido por Carvalhinhos (2007). A autora explica que a dessemantização ocorre, por exemplo, a partir de um sobrenome originado de uma alcunha. No momento de criação, o signo era transparente, no entanto, ao ser passado de geração em geração, o sentido percebido originalmente foi perdido.

Dick (2001) afirma que os nomes próprios de pessoas são obscurecidos em seu conteúdo léxico-semântico em virtude da opacidade do próprio signo que os conforma, muitas vezes distanciados de seu foco original.

De modo geral, o que ocorre com os antropônimos aproxima-se do que constatou Basílio (1987) com relação às formas lexicais regulares e estratificadas. Para a autora:

O problema básico é uma situação típica do léxico, ou seja, a situação em que temos formas construídas de vários elementos, na qual elas evoluem semanticamente como um todo, mas suas partes continuam morfológicamente inalteradas. Como consequência, passamos a ter formas cuja significação tem pouco ou nada a ver com o que se poderia esperar pelas características morfológicas de construção (BASÍLIO, 1987, p. 23).

Para Marcató (2009), existe uma grande complexidade na semântica dos nomes próprios. Logo, é preciso estudá-los levando em conta também uma perspectiva extralinguística, diacrônica ou sincrônica.

Diante das considerações aqui apresentadas sobre o campo de estudo da Onomástica com ênfase na antroponímia, passaremos a discutir, na seção seguinte, as características semânticas observadas na análise dos antropônimos em Parkatêjê, por meio das abordagens da Semântica Cultural e da Semântica Cognitiva.

## 5 Análise semântica de nomes pessoais em Parkatêjê

Dentre as diversas abordagens semânticas existentes na literatura sobre o tema atualmente, a Semântica Cultural (SC) e a Semântica Cognitiva (SCog) fornecem especiais contribuições para o tipo de reflexões apresentadas aqui a respeito dos nomes próprios de pessoas em Parkatêjê.

De acordo com Ferrarezi Jr. (2013), a Semântica Cultural pode ser definida da seguinte forma:

Uma vertente da Semântica que estuda a *relação entre os sentidos* atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a *cultura* em que essa mesma língua está inserida. De forma mais simplificada, podemos dizer que a SC estuda a formação e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada (FERRAREZI JR, 2013, p. 71, grifos do autor).

Já a Semântica Cognitiva é considerada, de acordo com Lenz (2013):

[...] uma área que não se configura exatamente como uma teoria única, mas como uma conjunção de várias abordagens que compartilham os mesmos princípios básicos, com o objetivo geral de investigar o sistema integrado global de estruturação conceitual da linguagem (LENZ, 2013, p. 35).

A Semântica Cognitiva considera muito mais que o conhecimento linguístico conforme as teorias clássicas, uma vez que inclui em suas análises diferentes nuances do conhecimento de mundo, experiências, percepções, culturas, etc. (LENZ, 2013).

Diante disso, conforme mencionado anteriormente, de modo geral, no que diz respeito ao conteúdo significativo dos nomes de pessoa em Parkatêjê, é possível verificar que estes se referem a características pessoais do nominador, sejam elas consideradas negativas ou positivas.

Vale também ressaltar que, no que diz respeito à indicação de gênero nos antropônimos em Parkatêjê, observa-se que tais nomes podem ser divididos em: exclusivamente masculinos, exclusivamente femininos, ou para ambos os sexos, conforme o contexto situacional vivenciado pelo padrinho ou madrinha e que o/a motivou a criar determinado antropônimo. Desse modo, atividades ou características que, no contexto

cultural Parkatêjê, são restritas a um sexo ou a outro geram antropônimos exclusivamente masculinos ou exclusivamente femininos, enquanto atividades que não tenham restrições culturais entre os sexos podem ser utilizadas em nomes para ambos os sexos.

Araújo e Ferreira (2001) afirmam que, do ponto de vista do conteúdo, os nomes próprios em Parkatêjê podem ser denotativos ou figurativos. Partindo desta perspectiva, compreendemos como nomes denotativos aqueles cujo principal sistema de significação é a denotação, enquanto entre os nomes chamados pelas autoras em questão de figurativos estão, de modo geral, os que constituem metáforas ou metonímias.

Dessa forma, serão feitas a seguir algumas considerações acerca dos antropônimos da língua Parkatêjê, tendo em vista demonstrar como os valores e os conhecimentos culturais desse povo estão intrincados e são codificados em sua língua. Nas próximas subseções serão apresentados exemplos conforme os tipos de antropônimos vistos da perspectiva da Semântica Cultural e Cognitiva.

### 5.1 Nomes próprios denotativos em Parkatêjê

De acordo com Trask (2004, p. 72), a denotação é “o significado central de uma forma linguística, encarado como o conjunto das coisas a que essa forma poderia fazer referência”.

Ilari (2004) explica de forma simplificada o conceito de denotação como o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo, ou seja, sem intervenções subjetivas. Nessa mesma perspectiva, Luft (2002) afirma que a denotação se refere à significação básica das palavras, dissociadas de abstrações individuais.

Diante disso, têm-se a seguir alguns exemplos de nomes próprios considerados denotativos em Parkatêjê:<sup>4</sup>

- 1) Krapyxitire ‘Um filho’  
Kra pyxiti re  
Filho um Dim

<sup>4</sup> Foram utilizadas na análise dos dados algumas abreviaturas, elencadas a seguir: Aum = aumentativo; Dim = diminutivo; Neg = negação; Intens = intensificador.

‘*Krapyxitire*’ é um antropônimo doado por uma nominadora que tinha apenas um filho.

- 2) Kãmtaihôprãmre ‘gosta de escrever’  
 Kãmtaihô prãm re  
 Escrever gostar Dim

‘*Kãmtaihôprãmre*’ é um antropônimo transmitido por uma nominadora que tem como característica pessoal o fato de gostar de escrever.

- 3) Kôkupati ‘tem medo da água’  
 Kô kupati  
 Água ter medo

‘*Kôkupati*’ é um antropônimo transmitido por um nominador que tem como característica pessoal o fato de ter medo da água.

- 4) Têkikupati ‘tem medo de jogar flecha’  
 Têki kupati  
 Flecha ter medo

‘*Têkikupati*’ é um antropônimo doado por um nominador que tem medo de jogar flecha.

- 5) Awÿinõre ‘não pedir’  
 Awÿi nõ re  
 Pedir Neg Dim

‘*Awÿinõre*’ é um antropônimo transmitido por um nominador que não costuma pedir nada a ninguém, sendo essa uma de suas características marcantes.

Nos exemplos de 1 a 5, é possível observar que os nomes pessoais apresentados têm significados transparentes, isto é, não apresentam sentido figurado e por isso são considerados antropônimos denotativos em Parkatêjê. Esse tipo de antropônimo ocorre amplamente em Parkatêjê, sendo inclusive a forma mais comum de criar nomes próprios na língua.

## 5.2 Nomes próprios figurativos em Parkatêjê: metafóricos e metonímicos

Dentre os nomes próprios considerados figurativos em Parkatêjê estão os que se constituem como expressões com valor metafórico ou metonímico. Antes de apresentar os dados que ilustraram os fenômenos semânticos aqui em questão é pertinente apresentar uma breve revisão acerca desses conceitos.

Com relação à metáfora, Ullmann (1964) afirma que sua importância suprema como uma força criadora na língua sempre foi reconhecida pelos estudiosos através dos séculos. De acordo com o autor,

a metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um factor primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papéis (ULLMANN, 1964, p. 442).

De modo geral, segundo Ullman (1964), a estrutura básica da metáfora apresenta dois termos essenciais: a coisa da qual falamos e aquilo com o que estamos a compará-la.

A definição apresentada por Trask (2004, p. 190) afirma ser a metáfora “o uso não literal de uma forma linguística, utilizado como recurso para chamar a atenção para uma semelhança percebida”, neste caso, entre uma entidade e outra.

No entanto, autores como Lakoff e Johnson (1980) apresentam uma concepção um pouco diferente das apresentadas anteriormente sobre as metáforas. Para esses autores, a metáfora não deve ser entendida apenas como uma figura de retórica responsável pelos ornamentos da linguagem. Lakoff e Johnson (1980) propõem um novo ponto de vista, segundo o qual a metáfora deve ser compreendida como algo presente em nosso cotidiano, no entanto, sem se limitar apenas ao ambiente linguístico. A ideia básica da teoria de Lakoff e Johnson (1980) sobre a metáfora é que ela nos permite interpretar conceitos abstratos em termos de conceitos que nos são familiares e de experiências cognitivas cotidianas. Segundo os autores, o sistema conceitual humano é metafórico por natureza, uma vez que está imbricado com o modo como pensamos e agimos.

Ferrarezi Jr. (2012) afirma que a metáfora apresenta uma propriedade estruturante em relação à organização cultural do mundo, ou seja, como o mundo é visto e interpretado pelos falantes de uma

determinada língua. Tal proposta contribui para corroborar a ideia da influência da metáfora para a compreensão do mundo.

De acordo com Ferrarezi Jr. (2010), quando uma metáfora de nomeação exerce uma função clara de registro cultural, esta pode ser denominada *metáfora funcional*. Tal perspectiva parece ser bastante interessante para a análise de alguns antropônimos em Parkatêjê construídos de forma metafórica.

Conforme Ferrarezi Jr. (2010), uma metáfora funcional pode ser definida como:

uma construção figurativa na qual a palavra metaforicamente construída apresenta uma clara função de depósito cultural, uma função de registro de algum tipo de conhecimento resultante das experiências vivenciais dessa mesma comunidade que atribuiu esse nome metafórico a um referente (FERRAREZI JR., 2010, p. 198).

A metáfora pode ser considerada um tipo de construção linguística que possibilita a atribuição de um sentido construído dentro de um paradigma cultural de outra palavra que, em seu sentido costumeiro, empregado por uma comunidade de falantes, pertence a um outro paradigma cultural. Por exemplo, quando alguém chama um homem de “touro” está transferindo sentidos de um paradigma cultural para outro, no caso, paradigma “animais” para paradigma “pessoas”, com vistas a evidenciar sua força física (FERRAREZI JR., 2012).

Dessa forma, segundo Ferrarezi Jr. (2012), uma construção metafórica só pode ser definida como tal dentro de determinada cultura, visto que, em cada cultura, haverá classificações semânticas diferentes. Além disso, o autor destaca que a metáfora, na maioria das línguas, não se constitui necessariamente como uma construção lexicalmente complexa, nem obrigatoriamente multivocabular ou com algum tratamento estético de tipo poético. Ao contrário disso, grande parte das metáforas presentes em uma língua se concretiza em palavras de uso diário, por exemplo, nomes de coisas do dia a dia, nomes próprios de pessoa ou nomes na forma de alcunha.

A utilização do conceito de “metáfora funcional”, especificamente, conforme Ferrarezi Jr. (2012), se dá em razão de uma construção com função muito mais específica de formação e perpetuação de uma cultura. Ou seja, tais construções carregam importantes conhecimentos histórico-culturais que precisam ser preservados.

Um exemplo de nome encontrado no Brasil que pode ser considerado uma metáfora funcional, de acordo com Ferrarezi Jr. (2012), é a forma “trava-ventre” utilizada por muitos caboclos, em algumas regiões brasileiras, para chamar a árvore da goiabeira. O autor explica que a forma “trava-ventre” é uma construção complexa, fruto de uma experiência extralinguística do falante interiorano que, muitas vezes, distante do “remédio de farmácia”, registra uma informação que vai além da forma usual de representação linguística do referente. Da mesma forma, em alguns lugares do Brasil têm-se uma planta denominada “quebra-pedra”, indicada para tratar problemas renais.

Desse modo, tanto a metáfora “comum” quanto, em especial, a metáfora funcional são formas de registro de informações de ordem cultural e envolvem processos de categorização do mundo. No entanto, a segunda vai além e permite o registro de informações mais amplas, complexas e históricas que são resultado de conhecimentos de uma comunidade específica e com finalidade de perpetuação de saberes (FERRAREZI JR., 2012).

Em Parkatêjê, dentre os antropônimos agrupados para fins de análise no presente artigo, foram encontrados nomes construídos a partir de interessantes metáforas que carregam em si informações relevantes acerca da concepção de mundo desse povo. Tais nomes metaforicamente construídos carregam saberes que podem ser perdidos até as próximas gerações, de modo a se tornarem nomes opacos em virtude do acelerado estado de obsolescência da língua e cultura Parkatêjê.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de antropônimos em Parkatêjê metaforicamente construídos:

6) Ropkukuti ‘caçador’ lit. ‘comedor de onça’ ou ‘marimbondo’

O nominador do antropônimo ‘Ropkukuti’ atribui ao seu nominado sua característica de ‘bom caçador’, uma vez que esse nome pessoal é constituído por um nome (*rop* ‘onça’) e por um verbo de ação (*kuku* ‘comer’), cujo sentido literal seria ‘comedor de onça’. Considerando-se que, para comer onças, é preciso enfrentá-las e caçá-las, entende-se por aplicação do significado do signo linguístico que se trata de “bom caçador”. Todavia, para além dessa interpretação, temos dois fenômenos semânticos sobrepostos nesse caso. Um deles é a polissemia, uma vez que ‘ropkukuti’ também é a designação de um tipo de marimbondo que, de acordo com os colaboradores da pesquisa, é caçador como uma onça.

Ao termos o nome ‘*ropkukuti*’ designando o marimbondo, em comparação a sua habilidade de caçar que se assemelha à de uma onça, e, por conseguinte, o antropônimo ‘*Ropkukuti*’ indicando aquele que é caçador, verifica-se a ocorrência da metáfora.

- 7) Rahônti ‘responde à altura, se provocado; devolve, dá o troco na mesma hora’ lit. ‘marimbondo’

Da mesma forma, ‘*Rahônti*’ é o nome doado por um nominador que costuma “dar o troco” ou responder à altura diante de determinadas circunstâncias. Tal nome também pertence originalmente à outra espécie de marimbondo conhecido entre os Parkatêjê pela referida característica de, se tocado, ferrar o indivíduo sem dó nem piedade. A metáfora se dá justamente pela associação do nome com a característica principal do marimbondo em questão.

- 8) Hâkti ‘Caçador’ lit. ‘gavião’

‘*Hâkti*’ também é um dos possíveis nomes doados por um nominador considerado um bom caçador. ‘*Hâk*’ literalmente significa ‘gavião’ em Parkatêjê, de modo que o significado construído para o nome ‘*Hâkti*’ se dá a partir de uma das principais características do animal gavião.

- 9) Krÿiti ‘come devagar’ lit. ‘papagaio’

O antropônimo acima se refere a característica do nominador “comer devagar” a partir de uma metáfora relacionada à forma de comer típica dos papagaios.

- 10) Pârhyti ‘ruim para os outros’ lit. ‘pimenta’

‘*Pârhyti*’ é um nome doado por uma nominadora que tem como uma de suas características o fato de “ser ruim para as outras pessoas”. Nas palavras dos indígenas tal pessoa é “ruim como uma pimenta”.

- 11) Kwÿkjê ‘Parteira que puxa a companheira’ lit. ‘puxar a placenta’  
 Kwÿ                    kjê  
 companheira/ puxar  
 placenta

‘*Kwỳkjê*’ é um nome doado por uma nominadora que na hora em que realizou o parto de uma criança puxou a placenta para fazê-la sair. Neste caso, o nome referente à palavra ‘placenta’ é o mesmo cujo significado é ‘companheiro/companheira’, de forma que para os indígenas Parkatêjê a placenta é “a companheira da criança”. Carneiro da Cunha (1986) também afirma que esta mesma concepção de ‘placenta’ como “companheira da criança” é observada entre os índios Krahó. Além disso, ‘*kwỳ*’ parece ser um termo polissêmico em Parkatêjê, uma vez que em outros contextos pode significar ‘povo’ ou ‘parente’.

- 12) Krekràti ‘mulher que não tem filho’ lit. ‘buraco seco’  
 Kre krà ti  
 Buraco seco Aum

O dado acima é um antropônimo doado por uma nominadora que não gera filhos. A associação feita com um “buraco seco” lembra a concepção ocidental que também considera mulheres que não podem engravidar como “mulheres secas”.

- 13) Kurēkti ‘matador’ lit. ‘furar’  
 kurēk ti  
 furar Intens

Em ‘*Kurēkti*’ é possível observar que tal antropônimo em seu sentido literal expressa a ideia de algo como ‘furador’ em relação a um nominador cuja característica é ser “matador”, ou seja, “aquele que fura para matar”. Nesse sentido, entendemos que o verbo furar aparece como uma espécie de sinônimo de matar em virtude do uso da flecha.

No que diz respeito à metonímia, de modo geral esse processo semântico é tradicionalmente definido na literatura sobre o tema como um deslocamento do significado, no qual uma palavra usualmente utilizada para designar uma entidade passa a designar outra.

Os estudos clássicos, de modo geral, não dão a mesma importância dedicada à metáfora, à metonímia. Ullmann (1964, p. 454) afirma ser a metonímia intrinsecamente menos interessante que a metáfora, uma vez que, segundo o autor, aquela “[...] não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si”.

Atualmente, a metonímia tem ganhado mais espaço nos estudos da linguagem, principalmente em função das contribuições dadas pela Linguística Cognitiva. Lakoff e Johnson (1980) afirmam que, enquanto a metáfora é uma maneira de conceber uma coisa em termos de outra, com a função primária do entendimento/compreensão, a metonímia possui uma função referencial, isto é, ela nos permite utilizar uma entidade para representar outra.

Para Lakoff e Johnson (1980) tanto a metáfora quanto a metonímia são processos cognitivos que se diferenciam pelo número de domínios de cada um, uma vez que a metáfora teria a presença de dois domínios distintos, enquanto a metonímia teria apenas um domínio.

Diante disso, a perspectiva de Lakoff e Johnson (1980) contempla a noção tradicional da metonímia no sentido de que as relações como parte/todo, matéria/objeto, causa/efeito etc., são relações que ocorrem em um mesmo domínio.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de antropônimos em Parkatêjê constituídos por metonímia:

- 14) Kreixàre ‘sempre com dor de barriga’ lit. ‘dor no intestino’  
 Krei      xà      re  
 Intestino dor      Dim

O nominador do antropônimo acima costumava sentir dores de barriga constantes. Como é possível observar no dado em questão, há uma espécie de relação parte/todo ao se utilizar na constituição do nome o termo genérico de ‘intestino’ para indicar a ‘dor de barriga’.

- 15) Purkôre ‘planta na chuva’ lit. ‘roça molhada’  
 Pur      kô      re  
 Roça molhado      Dim

O antropônimo acima foi doado por uma nominadora que costumava plantar na roça enquanto estava chovendo. Nesse caso, é possível observar que a atividade ‘plantar’ é substituída pelo lugar onde se planta, isto é, a ‘roça’.

Diante dos exemplos destacados nessa subseção é possível perceber como o meio ambiente, os conhecimentos culturais e as experiências dos falantes favorecem a articulação de construções metafóricas e metonímicas nos antropônimos da língua Parkatêjê.

A seguir será explanado outro fenômeno semântico observado na análise dos dados em Parkatêjê: o tabu linguístico.

### 5.3 Tabu linguístico: análise de um antropônimo Parkatêjê

Diante do corpus de antropônimos da língua Parkatêjê analisados, um se destacou pelo fato de apresentar uma mudança linguística decorrente de uma espécie de tabu linguístico.

De acordo com Viaro (2014), o tabu linguístico é um fenômeno ainda pouco estudado, mas que chamou a atenção dos linguistas principalmente em meados do século XX.

Conforme Ullmann (1964), os tabus da linguagem podem ser divididos em três grupos mais ou menos distintos. São eles:

- a. Tabu de medo: tabus impostos sobre nomes relacionados a seres sobrenaturais, principalmente em função do pavor causado por tais entidades.
- b. Tabu de delicadeza: é um tipo de tabu criado a partir da tendência humana de em geral evitar referências diretas a assuntos desagradáveis, como por exemplo, doenças, morte, defeitos físicos, nomes relacionados a ações criminosas, etc.
- c. Tabu de decência: as três maiores esferas afetadas por esse tipo de tabu são o sexo, certas partes e funções do corpo, e os juramentos.

O antropônimo Parkatêjê que será aqui analisado pode ser enquadrado dentre os chamados tabu de decência retratados na letra 'c'.

Diante disso, cabe neste momento contextualizar a respeito do antropônimo em questão. Primeiramente, durante a coleta de dados em campo, o colaborador indígena forneceu o seguinte antropônimo e tradução:

16) Totore 'que só come a bunda do animal'

Segundo o indígena que relatou o dado acima, tal nome foi doado por uma nominadora que gostava de comer a parte traseira dos animais. No entanto, ao tentarmos entender junto ao colaborador de pesquisa um pouco mais sobre a constituição morfológica e semântica do antropônimo em questão, obtivemos a informação de que na realidade o nome deveria ser o seguinte:

Tokre ‘que só come a bunda do animal’

Tokre re

Bunda Dim

Nesse caso, segundo o colaborador indígena informou, para não se dizer ‘*tokre*’, literalmente ‘bunda’, o nome passou a ser ‘*Totore*’, de modo a evitar algum tipo de constrangimento para a pessoa que recebeu tal nome.

Como é possível observar, a base ‘*tokre*’ sofreu uma modificação em sua estrutura, de modo que a sílaba inicial se reduplicou. Viaro (2014) relata que, geralmente, sofrem modificações dessa natureza por tabuísmos palavras relacionadas a excreções fisiológicas, atos sexuais, ou as partes do corpo envolvidas nessas ações, tal como parece ser o caso ocorrido no antropônimo aqui apresentado.

Muito embora a relação de um povo indígena com questões fisiológicas e corporais seja bastante distinta das perspectivas e modos de se conceber tais aspectos em outras culturas, é possível que alguém que tenha recebido o nome de uma parte do corpo como ‘bunda’ se torne alvo de piadas ou brincadeiras jocosas, muito comuns no cotidiano de inúmeras comunidades humanas. Daí o “tabu”.

Sobre algumas das consequências provocadas por um tabu linguístico, Viaro (2014) afirma que:

[...] o tabu pode causar uma ruptura drástica na história de uma palavra, dificultando sobremaneira a pesquisa etimológica. Essas mudanças dependem apenas de um acordo interno, raramente documentado, no seio da comunidade de falantes. Uma vez esquecido o nome original ao longo de algumas gerações, é possível imaginar a dificuldade com que o etimólogo se depara quando surpreendido pelos resultados desse fenômeno (VIARO, 2014, p. 294).

A mesma dificuldade relatada acima, para os etimólogos, também é enfrentada por semanticistas e linguistas, de modo geral, que estudam o tabu linguístico, uma vez que tal fenômeno torna muitas vezes impossível a reconstrução ou simplesmente o conhecimento do étimo de uma palavra.

## **6 Considerações Finais**

Este artigo abordou aspectos semânticos observados na análise de antropônimos da língua Parkatêjê. Diante da literatura apresentada sobre os fenômenos discutidos e da análise dos dados foi possível tecer considerações que demonstram como aspectos onomásticos e semânticos apresentam propriedades relacionadas à organização cultural e visão de mundo dos falantes da língua Parkatêjê.

Com base na observação dos dados e em pressupostos da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural, os antropônimos Parkatêjê foram divididos, em concordância com Araújo e Ferreira (2001), como denotativos ou figurativos. Entre os antropônimos considerados denotativos estão aqueles cujo sistema de significação principal é a denotação, enquanto entre os antropônimos figurativos estão, de modo geral, aqueles considerados metafóricos ou metonímicos. O conteúdo significativo dos nomes próprios de pessoa se refere a características pessoais do indivíduo que transmite o antropônimo. Outro fenômeno semântico observado dentro o corpus de pesquisa e discutido neste trabalho foi o tabu linguístico, em que o caso analisado foi classificado, com base na literatura sobre o tema, como um tabu de decência.

Reafirma-se que o sistema onomástico Parkatêjê, com toda sua riqueza linguístico-cultural, codifica valores e princípios norteadores e identificadores dos modos de vida e do conhecimento tradicional deste povo, bem como propriedades relacionadas à organização social e visão de mundo dos falantes Parkatêjê.

Investigações de caráter linguístico/cultural a respeito de línguas como o Parkatêjê, que enfrenta sério perigo de desaparecimento, são de fundamental importância para a preservação e resgate de toda a riqueza cultural e científica que as línguas carregam, pois, conforme Seki (2007, p. 17), “a perda de uma língua implica na perda de uma cultura e de um conhecimento de mundo ao qual ela está diretamente ligada”.

Documentar saberes e tradições culturais como estes contidos e envolvidos no sistema onomástico Parkatêjê fortalece também a questão identitária de uma população minoritária. Trata-se de salvaguardas um patrimônio imaterial contido em saberes e na memória do povo Parkatêjê.

## Agradecimentos

Agradecemos à Comunidade Indígena Parkatêjê pela carinhosa acolhida durante esses anos de pesquisa. Sobretudo, ao Capitão *Krôhökrenhũm* (*in memorian*), pelo exemplo de generosidade, sabedoria e liderança que deixou a todos que tiveram a honra de com ele conviver e aprender. Ao CNPq pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa da orientadora e à CAPES pela Bolsa de Mestrado.

## Referências

- ARAÚJO, L.; FERREIRA, M. *Nomes de pessoa em Parkatêjê*. Uberlândia: UFU, 2001. 10p. Disponível em: <<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/folheto48/FO-CX-48-3078-2003.PDF>>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- ARNAUD, E. A terminologia de parentesco dos índios Gaviões de Oeste (Parkatêjê): Tocantins, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 20, p. 1-35, 1964.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDOV, A. N. (Org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p.13-22.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Revista Domínios da Linguagem*, Ano 1, n. 1, p. 1-18. 2007. Disponível em: <[www.seer.ufu.br](http://www.seer.ufu.br)>. Acesso em: 29 jan. 2017.
- COELHO DE SOUZA, M. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. 2002. 668 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- DICK, M. V. P. A. A Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. In: GÄRTNER, Ebehard (Ed.). *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. v. III, p. 217-240.

DICK, M. V. P. A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicológica, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 79-90.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ECKERT, K. Os sobrenomes dos alunos do IFRS campus Bento Gonçalves: um estudo onomástico. *Revista Domínios da linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 46-66, 2016. Disponível em <[www.seer.ufu.br](http://www.seer.ufu.br)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FERRAREZI JR., C. *Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FERRAREZI JR., C. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. *Revista Linha D'água*, São Paulo, n. 25, p. 67-82, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37368>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

FERRAREZI JR., C. Semântica cultural. In: FERRAREZI JR. C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-87.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JÕPAIPARE, T. K. *Me ikwỳ tekjê ri: isto pertence ao meu povo*. 1. ed. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago; London: The University of Chicago, 1980.

LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JR. C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

LINHARES, A. J. P. *Tendências da Antroponímia Brasileira recente: um estudo da cidade de Belém*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

LOPES, T. T. C. *Aspectos morfológicos de termos de parentesco em Parkatêjê*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MARCATO, C. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e onomástica. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: In: SIMPÓSIO NACIONAL E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), XI., 2006, Uberlândia. Anais... Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_442.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2014.*

SEKI, L. Apresentação. In: PAULA, A. S. de. *A língua dos índios Yawanawá do Acre*. Maceió: EDDUFAL, 2007. p. 17.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

ZAMARIANO, M. Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê América Central e Caribe: múltiplos olhares*, Uberlândia, n. 45, p. 351-372, 2012.